

UM NOVO MOMENTO PARA A CIÊNCIA

Perspectivas contextualistas na transmissão dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio

Luiz Fernando Rojo

Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil

luizrojo@predialnet.com.br - <https://orcid.org/0000-0001-6624-7485>

Recibido: 5 de febrero 2024

Aceptado: 7 de mayo de 2024

Identificadores permanentes

ARK: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/5kknm8m8d>

DOI: <https://doi.org/10.62174/avatares.2024.9275>

Resumo

Neste trabalho analiso as transmissões brasileiras dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, em canais de televisão e do YouTube especializados em esportes, discutindo como estas transmissões permitiram a construção de interpretações sobre os contextos em que a sociedade brasileira estava atravessando no momento de realização destes eventos. Através de um olhar comparativo com edições anteriores destes Jogos, desenvolvo minha interpretação de como estas transmissões foram impactadas pela realização destas competições em plena vigência das restrições sanitárias por conta da pandemia da COVID-19, que impactou todo o planeta. Esta pandemia, inclusive, foi a responsável pelo fato de que, pela primeira vez na história, a realização dos Jogos tenha sido adiada para 2021, quando – embora ainda sob diversos cuidados e sofrendo uma infinidade de críticas – foram finalmente realizados. Embora este seja um megaevento esportivo e a própria pandemia da COVID-19 tenha afetado todas as nações do mundo, o que irei focar aqui é como estes eventos se relacionam com este contexto de forma diferenciada, a partir da realidade específica brasileira. Com este objetivo, este artigo parte da possibilidade de uso destas transmissões como um “campo”, no sentido antropológico do termo, com a construção dos dados sendo realizada através de uma adaptação da técnica de “observação flutuante” para o âmbito da mídia. A partir destes dados, minha interpretação é que as transmissões dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, pelos canais de esporte aqui analisados, podem ajudar a entender as discussões sobre a ciência e os discursos negacionistas que atravessavam a sociedade brasileira.

Palavras-chave: esporte, mídia, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, ciência, universidade

A NEW MOMENT FOR SCIENCE

Contextualist perspectives in the broadcast of the Tokyo Olympic and Paralympic Games

Abstract

In this work, I analyze the Brazilian broadcasts of the Olympic and Paralympic Games in Tokyo, on television and YouTube channels specialized in sports, discussing how these broadcasts allowed the construction of interpretations about the contexts in which Brazilian society was going through during these events. Through a comparative examination with previous editions of these Games, I develop my interpretation of how these broadcasts were affected by the realization of these competitions under the full force of health restrictions due to the COVID-pandemic¹⁹, which affected the entire planet. This pandemic was even responsible for the fact that, for the first time in history, the holding of the Games was postponed to 2021, when - although still subject to various precautions and facing a multitude of criticisms - they were finally carried out. Despite this being a mega sporting event and the COVID-19 pandemic itself impacting all nations globally, my focus here is on how these events relate to this context uniquely from the perspective of Brazilian reality. With this objective, this article starts from the possibility of using these transmissions as a "field", in the anthropological sense of the term, with the construction of the data being carried out through an adaptation of the technique of "floating observation" to the scope of the media. Based on this data, my interpretation suggests that the broadcasts of the Olympic and Paralympic Games in Tokyo, as viewed through the sports channels analyzed here, can contribute to understanding the discussions about science and the negationist discourses prevalent in Brazilian society.

|2|

Keywords: sport, media, Olympic and Paralympic Games, science, university

Apresentação da questão

Em um de meus primeiros trabalhos na área de Antropologia dos Esportes (Rojo, 2005), analisei as transmissões de alguns canais de televisão fechada, especializados em esportes, sobre os Jogos Olímpicos de Atenas. Naquele artigo, dialogando com a teoria da Antropologia das Emoções, concentrei meu foco sobre como locutores e comentaristas reforçavam um discurso que combinava uma dimensão racializada e uma dimensão de gênero com elementos evolucionistas, expressos em um idioma de senso comum¹. Assim, mesclava-se um entendimento sobre as emoções de pessoas “brancas”, “negras” e “asiáticas” (a partir das categorias utilizadas nestas transmissões), bem como de homens e mulheres, que eram apresentadas como sendo praticamente “inatas”, com uma noção de que os países africanos, latino-americanos, asiáticos (particularmente chineses, japoneses e coreanos), da Europa mediterrânea e, por fim, do centro e norte da Europa e da América do Norte (USA e Canadá), nesta ordem, representavam uma

¹ Para maiores discussões sobre a questão do senso comum em uma perspectiva antropológica, ver Geertz (1997).

escala ascendente de civilização e, por consequência, de capacidade de controle das emoções.

Em 2008, observando novamente as transmissões dos Jogos Olímpicos e também, a partir desta edição, os Jogos Paralímpicos realizados em Pequim, identifiquei que, embora houvesse uma continuidade naqueles discursos sobre as emoções, havia também uma novidade que aparecia com bastante ênfase, inclusive nas matérias dos principais jornais que cobriam aquele evento. Em consonância com o expressivo aumento da presença de atletas mulheres na delegação brasileira, que levou a que pela primeira vez esta fosse composta por quase cinquenta por cento de homens e mulheres, houve um igual crescimento do interesse da mídia por este tema. Assim, diversas competições envolvendo atletas ou equipes femininas do Brasil, eram pontuadas por comentaristas discutindo as especificidades da prática de esportes por mulheres, principalmente os impactos da menstruação sobre as performances destas atletas.

Desta forma, neste artigo, pretendo analisar não apenas como foram as transmissões destes canais especializados em esportes nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, realizados em 2021, mas discutir como estas transmissões permitem a construção de interpretações sobre aspectos contextuais de cada sociedade, em cada momento em que estes eventos são realizados.

|3|

Para isto, estabelecendo um olhar comparativo com os dois momentos previamente indicados acima, irei desenvolver aqui como estas transmissões foram impactadas pela realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio em plena vigência de restrições sanitárias por conta da pandemia da COVID-19, que impactou todo o planeta. Esta pandemia, inclusive, foi a responsável pelo fato de que, pela primeira vez na história, a realização dos Jogos tenha sido adiada, deslocando-se do ano de 2020 para 2021, quando – embora ainda sob diversos cuidados e sofrendo uma infinidade de críticas – foram finalmente realizados.

Embora este seja um megaevento esportivo de caráter planetário e a própria pandemia da COVID-19 tenha igualmente afetado todas as nações do mundo, o que irei refletir aqui é que estes eventos refletem de forma diferenciada a partir dos contextos específicos de cada país. Assim, minha interpretação é que as transmissões destes Jogos Olímpicos e Paralímpicos pelos principais canais de esporte no Brasil podem também ajudar a entender as discussões sobre a ciência e os discursos negacionistas que atravessavam a sociedade brasileira naquele período.

Com este objetivo, este artigo será estruturado, para além desta apresentação, em duas partes. Na primeira parte, de cunho mais teórico, no qual dialogarei com os conceitos de campo esportivo (Bourdieu, 2003), de “zona livre” (Archetti, 1999) e de “instituição zero” (Guedes, 2006), bem como com a teoria contextualista das emoções, de Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990), que irei adaptar para analisar os contextos das transmissões esportivas, indicando aqui também as possibilidades de uso destas transmissões como um “campo”, no sentido antropológico do termo. Na segunda parte irei apresentar os dados construídos durante toda a observação realizada durante estas transmissões dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, bem como as interpretações que realizo a partir destes dados, à luz da teoria previamente apresentada.

Por fim, as principais conclusões deste trabalho serão indicadas nas considerações finais.

Cabe, também, explicitar que todas as interpretações que estarei apresentando aqui serão realizadas a partir dos dados construídos pelo acompanhamento das duas emissoras de televisão que detinham os direitos de transmissão destes Jogos, ambas de canais fechados e especializadas em esportes e, de forma complementar, de canais de Internet que transmitiam algumas competições de forma online através do *YouTube*. Cada uma destas emissoras, como tem ocorrido nas últimas edições dos Jogos, disponibilizou alguns canais que transmitiram de forma ininterrupta as participações brasileiras nos Jogos Olímpicos e um ou, ocasionalmente, dois canais que acompanharam os Jogos Paralímpicos. Além deste foco em atletas ou equipes brasileiras, eles também acompanharam as principais disputas destas competições, mesmo quando o Brasil não estava atuando. Por outro lado, o fenômeno das transmissões esportivas a partir de canais no *YouTube* tem sido algo bastante recente e que foi ainda mais amplificado na Copa do Mundo de Futebol Masculino disputada no Qatar, em 2022² e que merece um investimento mais específico de análise, principalmente pela possibilidade de acompanhar, em tempo real, os comentários das pessoas que estão assistindo e que, ocasionalmente, interagem com as próprias pessoas que estão narrando e comentando os diversos eventos. Cabe aqui registrar que, fruto destas reflexões que apresento neste artigo, decidi focar exatamente nestes comentários durante a realização dos Jogos Pan-americanos de Santiago, realizados em outubro/novembro de 2023, para a elaboração de uma primeira interpretação destas questões e que espero publicar proximamente.

|4|

Portanto, foram dezesseis dias de transmissões dos Jogos Olímpicos e doze dias dos Jogos Paralímpicos, resultando em mais de duzentas e cinquenta horas de eventos esportivos que foram aqui analisados e que possibilitaram a construção de um significativo conjunto de dados sobre diferentes temáticas que foram abordadas durante este período. Desta forma, o que estarei analisando aqui – focando as questões que abordaram a relação entre ciência e esporte – é apenas uma parte, embora bastante importante, de todo o material construído durante estes eventos.

Antes de dar início às considerações teóricas, é importante salientar que a análise de todo este material se deu a partir do método etnográfico. Desta forma, tomo as narrações e comentários realizados durante as transmissões como um “ponto de vista nativo” sobre os aspectos aqui considerados e não como uma amostragem estatística, mais afeita a metodologias quantitativas. Para além disso, como irei apresentar mais à frente, a técnica de pesquisa utilizada foi a observação flutuante (Pétonnet, 2008).

Algumas considerações teóricas

O conceito de campo em Bourdieu (2003), particularmente sua aplicação ao campo esportivo, será de grande utilidade para a elaboração deste artigo. Muitas vezes, quando

² Pela primeira vez um destes canais do *YouTube* conseguiu formalmente o direito de transmissão negociado pela FIFA para realizar oficialmente a transmissão de uma série de partidas.

se pensa sobre o esporte, a atenção do público se volta para os e as atletas e para as pessoas que torcem e acompanham seus desempenhos ou das equipes que representam. No entanto, através deste conceito, podemos entender que o esporte, enquanto campo, envolve as equipes técnicas, médicas, algumas vezes psicólogos e psicólogas, juízes, juízas e auxiliares, produtores e produtoras dos eventos esportivos, pessoas que produzem e fazem a manutenção dos uniformes esportivos e dos inúmeros implementos utilizados nas mais diversas modalidades, bem como, no que interessa de forma particular neste trabalho, todas as pessoas envolvidas na mídia esportiva.

Este conceito de campo, tal como usado por Bourdieu (2003), também enfatiza a considerável autonomia que estes agentes, bem como as regras que estruturam suas práticas, têm em relação à sociedade na qual estão inseridos:

Se é verdade, como a minha interrogação tende a sugerir, que o sistema das instituições e dos agentes que estão associados ao desporto tende a funcionar como um campo, segue-se que não se pode compreender diretamente o que são os fenômenos desportivos num momento dado num ambiente social dado pondo-os diretamente em relação com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises, em suma a sua cronologia específica (p. 183).

|5|

Esta compreensão do campo esportivo permite estabelecer um interessante diálogo com a noção do esporte como “zona livre”, utilizada por Eduardo Archetti (1999) para refletir igualmente sobre a posição do fenômeno esportivo dentro do contexto social:

Las zonas ‘libres’ son espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la creatividad cultural. En las sociedades modernas, el deporte, los juegos y el baile son sitios privilegiados para el análisis de la libertad y la creatividad cultural. El tango y el fútbol pueden, de esta manera, ser conceptualizados como una amenaza a las ideologías oficiales (p. 42).

O que me interessa particularmente neste diálogo entre o conceito de “zona livre” e a autonomia relativa do campo esportivo é como ele permite, simultaneamente, reforçar um expressivo grau de liberdade não apenas das regras, mas principalmente dos comportamentos expressos na esfera esportiva e que esta liberdade não é absoluta, mas efetivamente relativa. Deste modo, concordando que não há uma ligação direta entre as condições econômicas e sociais de uma sociedade e o esporte, o que afasta qualquer perspectiva determinista, tampouco é possível imaginar que a criatividade cultural possível no campo esportivo elimine toda e qualquer relação com as dimensões de classe (Boltanski, 1979), de gênero (Rojo, 2009; Archetti, 1999) ou étnicas (Nauright, 1997).

Talvez a melhor formulação em relação a esta perspectiva seja aquela elaborada especificamente sobre o futebol por Simoni Guedes, quando ela atribui a este esporte, dentro da sociedade brasileira, o conceito de “instituição zero”. Através deste conceito, formulado por esta autora, ela recusa qualquer determinismo, reforçando que a sociedade não impõe valores sobre esta modalidade esportiva, ao mesmo tempo em que,

pela importância que o futebol assume no Brasil, este se encontra permanentemente demandando alguma significação:

No caso brasileiro, o futebol tem se apresentado como um veículo quase insuperável para a produção e reprodução destes discursos sobre a nação e o povo brasileiro. Seria nossa zona livre mais prenhe de significados, uma instituição zero como a defini em trabalho anterior, propondo uma exigência de significação antes que qualquer significado particular (Guedes, 2006, p. 165).

Desta forma, em artigo posterior (Guedes e Silva, 2019) ela analisa como a seleção brasileira de futebol e particularmente a relação da população com a camisa da seleção, adquire diferentes significados, muitos dos quais contraditórios entre si, em diferentes contextos pelas quais a sociedade atravessa. Estas múltiplas significações não chegam a ser uma novidade para a Antropologia. Lila Abu-Lughod (1990), pesquisando a poesia beduína a partir de uma teoria contextualista das emoções, indica como uma mulher expressou diferentes sentimentos ao se referir sobre seu divórcio, dependendo de estar em um contexto público amplo ou apenas com outras mulheres de seu próprio círculo social. Assim, ao contrário do que o senso comum poderia supor, de que haveria necessariamente um discurso “verdadeiro” (aquele representando um *self* interior) e outro discurso expressando as “máscaras sociais” que ocultariam esta verdade, ela afirma que ambos os discursos e ambas as emoções expressam diferentes “verdades”, que se relacionam com os distintos contextos nas quais cada sujeito transita.

São estas as referências teóricas principais com as quais analisarei, no próximo tópico, as transmissões dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio.

Análises das transmissões dos Jogos

Os Jogos da XXXII Olimpíada estavam inicialmente previstos para serem realizados em julho/agosto (Jogos Olímpicos) e agosto/setembro (Jogos Paralímpicos) de 2020, na cidade de Tóquio, no Japão. Porém, devido à pandemia da COVID-19, que implicou em medidas globais de controle de circulação de pessoas e cancelamento de praticamente todas as atividades esportivas em 2019 e parte de 2020, estes eventos foram adiados, pela primeira vez na história olímpica moderna, para o ano de 2021.

Através das matérias publicadas em diversos sites e jornais do mundo, foi possível acompanhar toda a polêmica envolvendo a pressão inicial para este adiamento dos Jogos (o Canadá foi o primeiro país a formalmente informar que boicotaria a participação nestes eventos caso os Jogos fossem mantidos em 2020) e, posteriormente, nova pressão para o cancelamento definitivo das competições em 2021. Não cabe, nos limites e propósitos deste artigo, aprofundar o debate sobre estas polêmicas, mas indicar o contexto no qual os Jogos foram realizados – atravessados pelas tensões e incertezas em relação ao desenvolvimento da pandemia, apesar do início do processo de vacinação em escala mundial.

O que cabe, entretanto, é sinalizar as medidas anunciadas para a prevenção do contágio durante os Jogos, com a enorme maioria dos eventos sem público presente e alguns eventos com público extremamente reduzido, além de rígidos esquemas de controle de

circulação. Mesmo assim, a narração de competições dos primeiros dias, noticia o aumento de casos de contaminação:

Estamos começando o segundo dia de provas em Tóquio, ainda antes da cerimônia de inauguração, e já foram registrados 79 casos em pessoas credenciadas” (transmissão de softbol no canal 1)

Apesar da liberação de cinquenta por cento dos assentos nos jogos de futebol, o público ainda é muito reduzido nos estádios porque o povo no Japão ainda está muito assustado com a pandemia e ainda mais com a divulgação de novos casos de contágio entre credenciados e mesmo atletas (comentarista, durante a transmissão de uma partida de futebol pelo canal 2).

Entendo que estes comentários eram de alguma forma previsíveis, dada a situação em que os Jogos estavam sendo realizados e sua inserção aqui tem como objetivo principal apenas o de ajudar a explicitar este cenário. Muito mais inesperada, no entanto, foi uma sequência de outras falas que, pouco a pouco, foram se avolumando no meu diário de campo.

Aqui, cabe fazer um breve parêntese para indicar que, desde os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Atenas, em 2004, tenho construído diários de campo nos quais anoto o máximo de informações que consigo construir a partir do acompanhamento diário das transmissões destes eventos. Este procedimento chegou mesmo a fazer com que, em 2008, tendo tido a disponibilidade de contar com dois aparelhos de televisão em casa, tenha utilizado um deles para gravar toda a transmissão em um dos canais, enquanto assistia o outro canal ao vivo. Desta forma, a comparação entre os dados construídos de 2004 até 2016, com estes que trago neste artigo, oriundos das observações realizadas em 2021, me permite afirmar o ineditismo desta associação entre as narrações e comentários nas transmissões esportivas destes megaeventos e a valorização da ciência.

Embora a técnica de “observação flutuante”, tal como apresentada por Pétonnet (2008), tenha sido desenvolvida para pesquisas em determinados espaços urbanos, penso que ela pode ser adaptada para esta situação em que o campo é circunscrito por estes espaços midiáticos:

O método utilizado é aquele que nós qualificamos de “observação flutuante” e ao qual nos dedicamos há algum tempo, ao longo dos trajetos parisienses impostos pelas atividades cotidianas ou pela necessidade de movimento que o sedentário experimenta. Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (p. 102).

Foi permanecendo “vago e disponível”, “flutuando” durante a observação das competições esportivas e anotando todas as informações possíveis durante as transmissões que, pouco a pouco, foram se avolumando, em meu diário de campo, os comentários, falas e situações em que a ciência era evocada como fundamental para a performance esportiva. Ao mesmo tempo, revisitando meus diários anteriores com uma

perspectiva comparativa, pude identificar o ineditismo desta forma de narrar ou comentar os Jogos Olímpicos y Paralímpicos:

O profissionalismo levou a manobras cada vez mais radicais, principalmente as aéreas³. Com isso aumentou o número de lesões dos surfistas, implicando na necessidade de maior preparo físico e tratamentos cada vez mais especializados. A medicina esportiva têm sido uma aliada fundamental na qualificação do surf como esporte (comentarista do canal 2, no quarto dia de provas).

Ana Marcela teve que se mudar para o Rio de Janeiro para ter acesso a uma equipe multidisciplinar que aborda cada aspecto de sua performance e que contribuí para acelerar sua recuperação entre as provas que disputa em um mesmo evento. Hoje em dia, sem o apoio do conhecimento científico já não se formam mais campeãs (locutor, durante a prova em que a nadadora ganhou sua medalha olímpica).

Não chega a ser uma novidade a existência de equipes cada vez mais completas que acompanham atletas e equipes. O que chama a atenção nestas falas, no entanto, é a conexão deste fato com a valorização do conhecimento científico e o contexto no qual estas falas foram expressas, durante a competição e não em uma matéria específica sobre o assunto, normalmente algum tempo antes dos Jogos, como parte de buscar ir ampliando a futura audiência das transmissões. Assim, por exemplo, durante os Jogos de 2008, em Londres, onde já apontei que a presença de quase metade da delegação brasileira ser de mulheres, pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos, trouxe uma série de comentários sobre o tema da menstruação, em nenhum momento esta questão foi analisada a partir de uma vinculação com pesquisas acadêmicas ou com o conhecimento científico sobre o assunto.

A Holanda transformou o remo em uma ciência. Não bastam mais a força e a dedicação do atleta, tampouco as estratégias definidas pelos treinadores. O resultado no remo, agora, também é consequência de pesquisas sobre o melhor ângulo de entrada do implemento na água, da distribuição exata entre o número de remadas e a profundidade em que o remo entra na água, entre tantos outros fatores que a Holanda desenvolve em laboratórios de alta tecnologia (comentarista do canal 1, no terceiro dia de competições).

A equipe brasileira agora conta com analista de desempenho, que orienta para os pontos fortes e fracos de cada jogador da equipe adversária (locutor). Sim, hoje em dia é fundamental no esporte de alto rendimento a articulação com a universidade, não só com a Educação Física, mas com a Psicologia e com outras áreas para a formação de uma boa equipe de apoio. Sem conhecimento não se chega mais a lugar nenhum (comentarista durante a transmissão de um jogo de *goalball* masculino, nos Jogos Paralímpicos).

³ Aéreas são manobras nas quais o surfista tem que tirar toda a prancha do contato com a onda e voltar a pousar sobre a água de forma equilibrada. É considerada uma manobra de alta pontuação quando executada corretamente a partir dos parâmetros definidos pelo *ISA rulebook & contest administration manual* (2023), o livro internacional de regras da International Surfing Association.

Nestas duas falas seguintes é possível observar uma vinculação mais explícita entre estas equipes, citadas nas falas anteriores, com a universidade e laboratórios de pesquisa. De forma completamente inédita, vemos que as transmissões reforçaram a importância do estudo e da pesquisa científica, que estavam sendo diariamente atacadas pelo governo brasileiro daquele período.

Hoje em dia a prova dos 3000m com obstáculos tem uma dificuldade a menos para boa parte dos principais competidores. A tecnologia já permite a produção de sapatilhas que evitam ou reduzem muito a entrada de água quando os atletas precisam ultrapassar o fosso. É a ciência colaborando com o esporte (comentarista do atletismo do canal 2, no sexto dia de provas).

A cada edição dos Jogos Paralímpicos a performance dos atletas tem um avanço gigantesco e parte importante disso é devido à ciência, aos estudos que possibilitam que cada atleta possa dar o seu melhor nas competições (locutor durante a prova de atletismo, respondendo a uma fala do comentarista sobre a qualidade das próteses de carbono atuais).

Por fim, nestas duas últimas citações, a tecnologia aparece como elemento central no desenvolvimento de novos e melhores implementos, que favorecem o desempenho tanto de atletas olímpicos quanto paralímpicos, reforçando a conexão entre esporte e ciência.

Quando estes discursos, exaltando a ciência, a universidade e o conhecimento como elementos centrais na performance de atletas e equipes de diferentes países, são tomados em conjunto, o quadro que se forma me pareceu significativo demais para ser ignorado. A partir dos pontos de vista expressos por estes atores sociais (narradores e comentaristas), me concentrei na elaboração de uma interpretação antropológica para analisar estas falas.

Para isso, seguindo a sugestão de Abu-Lughod e Lutz (1990) de que os discursos (sejam eles emocionais ou outros) devem ser sempre analisados em contexto, o primeiro passo foi situar que as transmissões ocorriam durante o período em que o governo Bolsonaro, eleito presidente em 2018, ampliava o discurso negacionista frente à pandemia da COVID-19. Fruto desta política que desestimulava a vacinação, ironizava o uso de máscaras e defendia o fim das medidas de isolamento, que no mundo inteiro estavam sendo seguidas para diminuir o número de vítimas, o Brasil estava entre os países em que a pandemia causou mais mortes e internações. Este processo se deu, também, em consonância com um discurso de desqualificação dos institutos de pesquisa, das universidades e da própria ciência, que se expandiu entre apoiadores e apoiadoras de Bolsonaro nas redes sociais e dificultou ainda mais o combate ao vírus.

Talvez o exemplo que tenha marcado de forma mais simbólica este processo tenha sido a defesa da utilização da “cloroquina” como tratamento das consequências da infecção pela COVID-19. Embora seja um remédio destinado ao tratamento da malária, ele foi alçado por sites e figuras públicas ligadas ao bolsonarismo, incluindo o próprio presidente, como eficaz no combate à COVID-19, mesmo com todas as contraindicações dos e das cientistas e da Organização Mundial de Saúde (OMS). Dentro do escopo deste artigo, cabe destacar que diversas figuras ligadas ao esporte,

apoiadores e apoiadoras deste campo político de extrema-direita, também se somaram a este movimento.

Deste modo, em que pese que as regras específicas do “campo esportivo” tenham sido apenas relativamente ajustadas através do adiamento por um ano dos Jogos e que as transmissões dos canais analisados tenham dado ainda mais ênfase aos resultados e performances atléticas, reforçando a autonomia do “campo” frente ao conjunto da sociedade, este contexto mais amplo não pôde ser esquecido. Assim, as emissoras e os canais do *YouTube* seguiram focando fundamentalmente na narração e nos comentários sobre atletas e equipes, bem como analisando o desempenho brasileiro nas competições, como ocorreu em cada uma das edições olímpicas e paralímpicas que já acompanhei. No entanto, como as diversas falas acima registradas indicam, locutores e comentaristas também aproveitaram a possibilidade abertas pelo fato de que as transmissões esportivas, inseridas dentro do conceito de “zona livre”, implicaram em um grau menor de controle por parte dos discursos oficiais das emissoras, para inserir um outro discurso, conectado ao esportivo, mas que explicitamente o ultrapassava, no decorrer de suas atividades profissionais. Ali, em cada uma daquelas expressões, simultaneamente eram afirmadas tanto a importância da ciência para o esporte, aumentando a possibilidade de vitória ou de um desempenho superior para atletas ou equipes que utilizavam o conhecimento científico para auxiliar suas performances, quanto a importância da ciência para a vida, ameaçada de forma explícita para a sociedade pela pandemia. Da mesma forma, o discurso negacionista implicaria em derrotas esportivas, em doenças e mortes que estavam sendo veiculadas diariamente pela mídia através do mundo naquele período.

|10|

Considerações finais

A mídia se apresenta como um campo extremamente fértil para a interpretação antropológica que tem, nas últimas décadas, ampliado cada vez mais seu olhar para este espaço da sociedade. No terreno esportivo, a partir de uma interpretação do conceito de Archetti (1999) sobre as “zonas livres”, ela possibilita identificar como determinados discursos sobre questões como gênero, etnicidade, corporalidade, emoções e outros se apresentam e dialogam com o tema da prática esportiva. Os Jogos Olímpicos e, mais recentemente, os Jogos Paralímpicos, são megaeventos esportivos, atraindo audiências mundiais que superam, em determinados momentos, as centenas de milhões de espectadores e espectadoras e que, no Brasil, atingem picos de audiência só superados por partidas decisivas dos campeonatos de futebol de homens.

Desta forma, como procurei desenvolver neste artigo, estas competições compartilham com este futebol, mesmo que apenas a cada quatro anos, a situação de serem uma “instituição zero”, abertas para diferentes possibilidades de significações, mas demandando permanentemente algum significado. Assim, enquanto edições como as de 2008 foram atravessadas pela questão da igualdade entre homens e mulheres e a de 2016 pela conjuntura que incluiu tanto o fato de sediar pela primeira vez uma competição de tão grande porte com o golpe recém-perpetrado contra a presidenta eleita Dilma Rousseff, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2021 tiveram seu significado,

pelo menos nos canais analisados neste artigo, marcados pela pandemia da COVID-19 e pela defesa da ciência contra o negacionismo.

Por fim, entendendo que um artigo tem a potencialidade de não apenas elaborar aspectos de uma determinada questão que está sendo focada, mas também abrir possibilidades para futuros desdobramentos, queria encerrar com um aspecto que, embora não tenha sido aprofundado durante este trabalho de campo, aponta para dimensões importantes na relação entre a Antropologia dos Esportes e a mídia, particularmente com as mídias sociais. Diferentemente dos canais de televisão, as transmissões pelo *YouTube* permitem a participação imediata do público que está acompanhando os eventos, através da área de comentários. Por ali passaram, durante o período em que acompanhei estas transmissões, desde expressões de apoio, de crítica, de torcida e vibração com resultados positivos, até manifestações de ódio, de sexismo, racismo, capacitismo que têm sido cada vez mais frequentes em muitos destes espaços virtuais. Entretanto, durante as competições dos Jogos Paralímpicos, uma forma destas manifestações me chamou particularmente a atenção, dada a conexão com o tema dos discursos sobre a ciência, em que eu estava focado.

|11|

Embora venha crescendo a cada edição, a audiência dos eventos paralímpicos ainda não é tão grande quanto aquela acostumada com os esportes convencionais. Isso ficou explícito quando comecei a notar que muitas pessoas usavam a área de comentários para pedir informações sobre as regras específicas das modalidades adaptadas. Rapidamente, tendo realizado pesquisa anterior sobre o esporte adaptado de alto-rendimento, comecei a interagir naquele espaço explicando as regras básicas de cada modalidade, algo sobre o sistema de classificação utilizado e outras informações. Quando, em algumas destas interações, expliquei minha posição como pesquisador e professor universitário, recebi diversos retornos agradecendo as explicações e exaltando a ciência, as pesquisas que tinham trazido a vacina contra a COVID-19 e falando da importância de ter alguém ali “de uma universidade”, que ajudava a informar as pessoas sobre as provas. Naquele momento identifiquei que há todo um campo ainda a ser analisado, por parte da Antropologia, sobre estas diferentes formas discursivas da relação entre o esporte e os múltiplos significados que, a cada contexto e em cada grupo social, são transmitidos e reforçados em eventos desta magnitude. Em futuras publicações, espero poder focar com mais atenção esta dimensão ainda pouco analisada antropológicamente.

Referências Bibliográficas

- Abu-Lughod, L. (1990). Shifting politics in Bedouin love poetry. Em L. Abu-Lughod e C. Lutz (Eds.), *Language and the politics of emotion* (pp. 24-45). Cambridge University Press.
- Abu-Lughod, L., e Lutz, C. (1990). Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. Em L. Abu-Lughod e C. Lutz (Eds.), *Language and the politics of emotion* (pp. 1 -23). Cambridge University Press.
- Archetti, E. (1999). *Masculinidades*. Antropofagia.
- Boltanski, L. (1979). *As classes sociais e o corpo*. Graal.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de Sociologia*. Marco Zero.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Vozes.

- Guedes, S. (2006). O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense” e História. *Aquinate*, 3, 163-172. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/5593>
- Guedes, S. e Silva, E. (2019). O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Alethea*, 3, 73-89. https://issuu.com/revistaletheia/docs/cuaderno3_ca5d3f4ca66e06
- International Surfing Association (2023). *ISA rulebook & contest administration manual*.
- Nauright, J. (1997). *Sport, cultures and identities in South Africa*. Leicester University Press.
- Pétonnet, C. (2008). Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, 25, 99-112.
- Rojo, L. (2005). Discursos sobre a emoção entre atletas olímpicos brasileiros. *Esporte e Sociedade*, 1, 1-15.
- Rojo, L. (2009). Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 6 (2), 50-71. <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/luiz-fernando-rojo-borrando-los-sexos-creando-los-generos/>